

Translitorânea nas lentes de Andrea Eichenberger Uma Poética do Encontro

Celia Antonacci

Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

A BR 101 é uma das rodovias mais longas do Brasil. Com seus 4.542 Km de extensão litorânea, essa rodovia percorre de norte a sul doze Estados brasileiros do lado costeiro Atlântico. O « Farol do Calcanhar », em Touros, Rio Grande do Norte, indica o quilômetro zero da rodovia, e o Farol da Solidão, em São José do Norte, no extremo sul do Rio Grande do Sul, assinala o fim da estrada mais percorrida do Brasil, a BR 101. Essa linha cinza asfáltica entrecortada por alinhavos amarelos e brancos, pontuada com placas de trânsito e intercalada com outdoors, segue o desenho da geografia costeira do Brasil. A translitorânea é conhecida como a rodovia do transitório, do caminhoneiro, do andarilho, do passante, do turista, do oportunista. Essa autovia grava em seu asfalto, buracos e desvios, os encontros e desencontros, as perdas e danos, os afetos e desafetos, as chegadas e partidas dos que tecem nas malhas de comércio, amizade e turismo o redesenho de histórias cotidianas de um percurso diário infinito, como a linha do tempo, sem começo e nem fim. Idas e vindas cruzam sujeitos, mercadorias, ideias e ideais. Mas há também as permanências, as residências, os agenciamentos comerciais. Se há os que sempre só passam, há os que nunca deixam o lugar. Os que habitam as margens da BR sem nunca conhecer outra via ou geografia.

Com uma câmera analógica, uma Hasselblad dos anos cinquenta, a fotógrafa Andrea Eichenberger convidou seu companheiro Alex Bresson para percorrer essa costa Atlântica do Brasil e observar a riqueza, a diversidade e a excentricidade de pessoas que vivem ou passam ao longo da rodovia.

Andrea assume a fotografia como um meio de ir ao encontro do outro, escutar suas histórias e conhecer os diferentes modos de vida, de ocupação, de prestação de serviço, de circulação, de habitar a rodovia e sua circunvizinhança. Nos ritmos, cores e formas das imagens, e nas conversas e depoimentos registrados, Andrea nos apresenta a poética dos encontros. As imagens fotográficas, as histórias reportadas ou as conversas contadas nos aguçam a percorrer a rodovia sem a necessidade de um deslocamento de viagem a trabalho ou turismo, mas com o desejo do encontro com os diferentes sujeitos que habitam, permanecem ou passam por essa linha litorânea do contorno brasileiro.

Na exposição “Translitorânea”, Andrea Eichenberger nos oferece seu olhar, uma poesia de encontros e desencontros, de alternância de ritmos cotidianos que nos permite perceber, que entre os fluxos rápidos das viaturas, há o andar de lentos andarilhos e, entre aqueles que só conhecem a rodovia como via de passagem, há os permanentes, os que nunca dela se afastaram, como Helena, uma descendente de africanos escravizados no Brasil, que conta 109 anos de permanência junto à rodovia.